Artes Plásticas

Mário Barata

ESTILOS ARTÍSTICOS E "A LITERATURA NO BRASIL"

NÃO se pode deixar de fazer referência ao esfôrço que representa o primeiro tomo do primeiro volume de **A Literatura no Brasil**, dirigida por Afrânio Coutinho, com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho. Nêle se estuda o barroco, o rococó, o neoclassicismo e o arcadismo na criação literária de nosso país. No segundo tomo, a saber brevemente, analisa-se a o movimento romântico, de tão grande importância no século XIX.

O público tem prestigiado essa obra, na intenção de adquirir visão de conjunto do estado atual das questões, dos fatos e dos métodos de interpretação do fenômeno literário e de sua evolução no Brasil. Compatível, é certo, aos críticos literários, julgar dos aspectos positivos e negativos da obra, apontando-lhe as qualidades e assinalando-lhe os pontos falhos ou objetivos que porventura não haja atingido.

Para um interessado em artes plásticas resulta, no livro, o esfôrço de renovação da classificação em períodos da história literária, adotando o sistema estilístico já usado na história da Arte. Com isso facilita-se a compreensão do paralelismo e das correlações entre as diversas artes, com real vantagem para a nossa cultura. Só esta circunstância (ao lado da vitória que representa a concretização de uma tarefa de vulto no plano literário, em prazo curto e mobilizando equipe de especialistas novos e veteranos) já valoriza «A Literatura no Brasil», na vida mental do país.

Na introdução geral da obra, Afrânio Coutinho sintetiza com agudeza e nitidez o problema da periodização estilística dizendo (1):

«Assim, admitindo a unidade do período, e concedendo que essa unidade é produzida, não por homogeneidade estilística, porém pelo predomínio de certo estilo que determina o tom geral, graças a uma constelação de sinais, o que não exclui a possibilidade da concorrência de outros estilos no tempo, e de diferenças geográficas e diferenças entre as diversas artes quanto à época de prevalência do estilo dominante — deduz-se o valor das categorias estilísticas para a definição dos períodos na história da literatura e das demais artes, sobretudo em seguida aos modernos estudos da comparação crítica entre as artes. Os conceitos de estilo, na análise das obras de arte, prestam-se como critério eficaz muito mais exato para o estudo das obras primas, como das obras menores. A relação entre o estilo individual e o estilo de época é um fácil instrumento de análise e interpretação, e, mesmo considerando as concomitâncias do estilo, e mais, a relatividade com que devem ser estabelecidos os estilos individuais — pois como diz Paul Frank, dificilmente uma obra se pode definir como totalmente pertencente a um estilo — é mais fácil a definição da obra pela sua maior proximidade a um estilo caracterizado.

«Os estilos — prossegue Afrânio Coutinho — são a fôrça dinâmica dos períodos. Revelar-lhes a essência íntima é penetrar a própria natureza da época. As formas estilísticas desenvolvem-se e transformam-se à medida que mudam e evoluem a concepção do mundo e a propósito consciente ou inconsciente, do artista. Ao interpretar e reinterpretar o mundo, o artista exige que as formas estilísticas se transformem e se adaptem as suas necessidades. A transformação do estilo, como mostrou Wolfflin, obedece a leis internas de evolução. Todavia, correspondendo às intenções do artista de expressar e veicular a sua visão da realidade, suas crenças e experiências, essa expressão não poderia ser efetuada através de outra forma, havendo um ajustamento intrínseco entre a visão do mundo a transmitir e a forma estilística que se desenvolveu para dar-lhe vazão. Assim o Barrôco foi uma forma estilística que se desenvolveu para exprimir uma nova concepção do mundo, que só através dêle encontraria o modo ótimo de exprimir-se.

«Na história das artes e letras modernas, graças à aplicação do método comparativo, os estilos principais que prevaleceram como unidades periodológicas, foram os seguintes: renascentista, barrôco, neoclássico, rococó, romântico, realista, impressionista, modernista. (Abrimos um parêntese, no texto de Afrânio para adiantar que, nas artes plásticas, a denominação de neoclassicismo é usada para período «grosso-modo» posterior ao rococó).

«Por influência da história das artes, segundo a nova orientação, êsses conceitos e definições estilísticas vão tendo aplicação generalizada à história das letras modernas. Dada a natureza análoga do fenômeno artístico, as artes diferençando-se primordialmente pelo meio que empregam, é muito mais natural que os critérios definidores passem de uma a outra fôrma entre a história política e literária. Por isso é certo e irrestrito o uso de conceitos românticos, clássicos ou realistas a tôdas as artes; mas já se vai generalizando, na crítica literária e uso do têrmo barrôco, desde os trabalhos de Wolfflin, para a definição de tôda a época não só literária mas histórica do pós-renascentismo; de rococó (euma de tôda fundamental sôbre o rococó em a literatura flota em el aires, afirma Cysarz), e de impressionismos.

Essa e outros trechos de **A LITERATURA NO BRASIL**, deveria ser debatidos e analisados em cursos de estética e de história das diversas artes. Levantando problemas e reunindo observações e experiências de fatos e de tratadistas, poderia impulsionar o terreno ainda incipiente da estética literária e plástica, em nosso país. Compete aos especialistas aproveitar essa obra como tema de estudo e discussão, para benefício geral.

E' de admirar que, em pala como o nosso, Afrânio Coutinho, esteja levando a têrmo uma obra coletiva, em tão pouco tempo e com tanto ardor. Conhecendo as dificuldades da vida cultural brasileira, mesmo sem enxergar no mérito de uma ou outra posição e afirmação do livro, felicitamos o responsável pela obra tão rica de dúvidas e de problemas literários e estéticos, que está sendo **A LITERATURA NO BRASIL**.

(1) — **A LITERATURA NO BRASIL**, Vol. I, T. I, págs. 35 e 36.

MOVIMENTO ARTÍSTICO

MARIA Laura Osser está expondo na «FFE TITE GALERIE», do Rio.

—O—

NO dia 10 de outubro, às 17 horas, inaugurar-se-á, na sala da Biblioteca Nacional, exposição retrospectiva da obra do saudoso artista plástico Leo Landucci.

—O—

NOTICIAS DA ITALIA — Os trabalhos de restauração da antiga Igreja de São Marco (Milão) acabam de revelar um afresco, de delicadas côres e ótima fatura, que se supõe ser a parte inferior de uma «assunção», com Jerusalem ao fundo. A pintura é atribuída a artista nilhés do final do gótico. Também na Basílica de São Marco (Veneza), foi revelado um fragmento precioso de mosáico, atribuído a fins do século XI ou começo do século XII. Acham-se expostas em Roma duas importantes telas de Carracci, pertencentes ao Louvre: «Ressurreziones e «Pietà».

—O—

O «Estado de São Paulo», lançará no dia 6 de outubro um suplemento literário, que também divulgará artigos sôbre artes plásticas.

—O—

NA têrça-feira, dia 2 de outubro, haverá palestra de J. R. Teixeira Leite, no Grupo Mário de Andrade, do Pen-Clube, sôbre a obra de Portinari. Seguir-se-á debate de que participarão, entre outros, José Paulo Moreira da Fonseca e Quirino Campofiorito.

—O—

EM 1º de outubro, inaugurar-se-á, na Petite Galerie, exposição de pinturas de Tiziana Bonazzola.

ARTISTAS DO SÉCULO XIX

Guilherme Auler

Exuma Documentos Para a História da Arte Imperial

Estátua de D. Pedro II, ainda jovem, com as vestes majestáticas, de autoria do escultor alemão Fernando Pettrich, natural de Dresden. Segundo Pedro Calmon, no livro «O palácio da Praia Vermelha. Viveu mais de dez anos no Brasil. Obteve em 1844, o título de Cavaleiro da Ordem de Cristo pela sua estátua «A Caridade» e a «Cabeça de Cristo» em mármore.

Reportagem de

Clemente de Magalhães Bastos

(Especial para o "Diário de Notícias")

AINDA há muito que descobrir sôbre a história da arte brasileira. Em relação ao século XIX, pouco se escreve, mas um pesquisador vem de despertar interêsse pelo assunto, divulgando documentos encontrados em diversos arquivos da época imperial. Trata-se de Guilherme Auler, do Instituto Histórico, no seu minucioso trabalho: «Os Bolsistas do Imperador», que se publicou, em Petrópolis, com significativa ressonância, pelas novidades que contém. Vejamos o que informa sôbre alguns artistas de nosso país. Sôbre êste pintor, o livro diz que os autores da história da arte brasileira são unânimes em afirmar que Pedro Weingartner nasceu em 1856, havendo até projetos de relacionar-se ao ano corrente o seu centenário, no Rio Grande do Sul. «Ora, no documento que localizamos — refere Auler — no Arquivo da Superintendência, Correspondência Diplomática da França, em 1883 (manuscrito em grande formato, sem 8 páginas, datado de Paris, em 15 de abril de 1883, e dirigido a Dom Pedro II), o artista afirma: «Senhor — Pedro Weingartner, cidadão brasileiro, nascido em 1853, em Pôrto Alegre..., etc., etc.». «Parece-nos, que a declaração fôr próprio pinho do pintor é prova decisiva». E Auler informa documentadamente: «História de sua vida faz Pedro Weingartner, em 1883, num requerimento a Dom Pedro II. Nasceu, em Pôrto Alegre, em 1853, e aos 14 anos começou a trabalhar numa oficina litográfica da capital gaúcha. Com algumas economias viaja para a Europa decidido a estudar pintura, na Alemanha, França e Itália. Finalmente, cursa a Escola Industrial de Hamburgo. Depois, durante dois anos, estuda desenho na Academia de Carlsruhe. Em seguida, até abril de 1882, freqüenta as aulas de pintura na Academia de Berlim. Vem, então, para Paris, onde cursa a Academia Julien. Sua situação financeira é, entretanto, a mesma pois, desde muito acabaram-se suas economias estando sendo auxiliado por comerciantes brasileiros de Hamburgo. Na Exposição Brasileira-Alemã, de Pôrto Alegre, 1881-1882, expõe óleos e a óleo e crayon, conquistando medalha de ouro. Pinta o retrato de Dom Pedro II, segundo fotografia de Alberto Henschel, e do ministro da Agricultura, Conselheiro Henrique d'Avila, desculpando-se de possíveis enganos. Conclui suplicando a proteção imperial, pois deseja continuar seus estudos. Em anexo, acham-se dois documentos: atestado do diretor da Escola Geral de Hamburgo, em 24 de setembro de 1878, declarando-o aluno desde abril de 1878; e certificado da Escola das Artes de Carlsruhe, em 21 de abril de 1879, onde a partir de outubro de 1878 fêz o curso de antigüidades (C. D., França 1883 — A. S.).

ALMEIDA JUNIOR

Interessante é o capítulo referente ao artista de Cabreúva Negaceando, um dos marcos de nossa pintura oitocentista. Refere Auler que o decreto de 23 de março marca a mesada de 300 francos para José Ferraz de Almeida Júnior, natural de Itu (São Paulo), estudar pintura nas Academias de Belas Artes de Paris ou Roma.

«O «menino de Itu» segue para Paris, em 4 de novembro de 1876, no navio francês «Panamá», levando ofícios para o Ministro brasileiro que, já em 8 de dezembro informa estar êle cursando a Escola de Belas Artes.

«A referência do mordomo Nogueira da Gama ao «menino de Itu» é bastante curiosa, pois na época Almeida Júnior já contava 26 anos de idade...

«Em 23 de março de 1881, a Mordomia acusa o recebimento de um quadro a óleo de sua autoria, oferecido a Dom Pedro II.

«Êsse quadro remete êle ao Imperador, **em testemunho de sua mais profunda e respeitosa gratidão**, mas a pintura E' grande óleo, que figurou na Exposição de Pintura do Palácio da Indústria, tendo chegado pelo navio «Equateur».

«O agradecimento do Imperador consta do ofício de 30 de agôsto de 1881, tendo-lhe sido comunicado pelo ministro da Fazenda (C D, ofício de 24 de outubro de 1881, Franca — A. S.).

«Além dêsses dois quadros remetidos da França em 1881, para o Imperador, possuía Dom Pedro II, na sua pinacoteca, mais os seguintes do mesmo artista, segundo revela o inventário das obras de arte que foram para o Castelo d'Eu (manuscrito no AGP), caixão nº 2 — Judas; caixão nº 26 — Cabeça de Diógenes, Jugem Indio e Cabeça de Velho.

«Uma das telas presentadas pelo artista ao monarca, em 1881, é «A Fugida da Sacra Família para o Egito», que aparece na Exposição da Academia em 1884, e posteriormente, doada por Dom Pedro II a essa instituição, para enriquecer as suas galerias. Ainda na mesma exposição de 1884, o pintor apresenta: O descanso do modêlo, O remorso de Judas, e O derrubador brasileiro.

«Para despesas de seu regresso ao Brasil, há uma ordem de pagamento de 1.000 francos, em 30 de maio de 1882».

PEDRO AMERICO

Sôbre Pedro Américo, entre outras coisas, o autor informa que: «entra carta de Dom Pedro II, Pedro Américo conta que chegou a Paris, em maio de 1859 e que já enviara ao seu imperial benfeitor, como provas de seu aproveitamento, as cópias a óleo de «Naufrágio da Medusa», de Gericault, e do «Rio Sétimo», de Luis Davi, estando elaborando no momento uma grande cópia no Museu do Louvre. Essa missiva datada de Paris, em 6 de janeiro de 1862, tem a finalidade de solicitar a continuação da mesada por mais 2 anos em Paris, e depois, outros 2 na Itália, pois já se tinha esgotado os 3 anos marcados pelo decreto de 4 de outubro de 1858. Concluindo, faz Pedro Américo uma curiosa revelação: «O Soberano, cuja bondade o levou até o meu triste aposento em 1859»...

«A cópia do quadro «Naufrágio da Medusa», assim como outra cópia, a do «Rapto de Dejanira», figuram na Exposição de 1884, da Academia Imperial das Belas Artes».

Por ocasiã 4 de junho de 1872, Pedro Américo é nomeado **Pintor Histórico da Imperial Câmara**, nos seguintes têrmos:

«Eu, o Imperador Constitucional e defensor perpétuo do Império do Brasil, faço saber a vós Nicoleu Antônio Nogueira Vale da Gama, do meu Conselho, Gentil Homem da minha Imperial Câmara, e que servia de mor Mordomo-Mor; que, atendendo ao que me representou o dr. Pedro Américo de Figueiredo e Melo, hei por bem nomeá-lo Pintor Histórico da Minha Imperial Câmara. Dado no Palácio do Rio de Janeiro, em 4 de junho de 1872, 51º da Independência e do Império — Imperador, com guarda. — Nicoleu Antônio Nogueira Vale da Gama, etc., etc.

«Em 10 de julho de 1888 — continua o historiador petropolitano — Américo comunica à princesa dona Isabel que, tendo concluído o quadro da proclamação da Independência, decidiu pintar uma grande tela comemorativa da libertação dos escravos, solicitando para isso a proteção Imperial. Com o advento da República, o projeto não se concretizou, pois certamente o artista nenhuma vantagem teria em glorificar uma exilada...

«Do ano mais tarde do 15 de novembro, nova carta escreve à Princesa (A. C. I., M 204 — D 9295 — M 1), embora substituta o «Imperial Senhora», usado em julho de 1888, por «Excelsa Senhora»... Diz êle que no próprio salão parisiense, vai expôr alguns quadros, pedindo de dona Isabel recomendações para determinados mesêvos, cujos nomes enumera.

«Na pinacoteca imperial, existiam diversos quadros de Pedro Américo, que acompanharam Dom Pedro II, no seu exílio: Retrato do Papa Pio VII, cópia; — Rapto de Ganimedes, cópia; — Naufrágio da Medusa, cópia; — Retrato de um velho e Cabeça de um guerreiro (Manuscrito do AGP)».

Essas descobertas são pequeninas, mas indispensáveis referências para os que estudam História da Arte no país. Guilherme Auler continue na sua tarefa de pesquisador e historiandos das causas do nosso passado artístico.

INÍCIO DA ESTAÇÃO LITERÁRIA

Paris, Setembro

CONCLUSÕES SÔBRE O FESTIVAL DE VENEZA

Luis Wiznitzer

O FESTIVAL de cinema de Veneza foi, êste ano, uma grande decepção. A fórmula de severa pre-seleção dos filmes, e de escolha pela qualidade, está ótima. Mas acontece que a produção mundial não dá mais de 6 ou 7 filmes de grande classe por ano, enquanto existem hoje em dia 6 ou 7 festivais. Se Veneza tivesse seguido sua própria fórmula, teriam de ser passados apenas 4 ou 5 filmes no lugar de 14. Veneza decepcionou também porque o critério de apreciação do júri all, como em outros lugares, vai sempre mais com certos critérios vanguardistas, pseudo-sociais ou pseudo-estéticos que não correspondem à verdadeira dimensão, à verdadeira definição do cinema. O grande prêmio não foi atribuído quando uma única fita o merecia; um grande filme, e único grande filme passado em Veneza: «Gervaise», de René Clement, seguindo o romance «L'Assomoir» de Zola. O júri hesitou muito tempo entre o filme japonês «A harpa de Birmânia» e um espanhol: «Calle Mayor», de Bardem. Ambos os filmes têm qualidades, personalidade, mas não constituem obras, no sentido completo da palavra. O japonês não se compara com «Rashô Mon» e «Portas do Inferno»; o Bardem não é o melhor Bardem; a bela mensagem, as comoventes imagens do filme japonês, os momentos amargos, pátetícos, a descrição cruel da vida de uma cidade de província na Espanha, do espanhol, não impedem o primeiro filme de ser monótono e comprido, o segundo de ser fabricado, forçado e incoerente. São duas interessantes experiências; enquanto «Gervaise» é a obra perfeita de um grande diretor, já o autor de «Jogos Proibidos», Rene Clement, tenho horror a Zola. Detesto aquela época, de pequena burguesia, de mediocridade, de desconfiança, de sordidez; nem tenho por êstes motivos simpatia pelo filme de Clement cujo assunto detesto; mas não se pode negar que «Gervaise» dá exatamente o ambiente, o espírito, o clima de Zola e revela as fisionomias, os interiores, a mentalidade daquela época com uma perfeição incrível. Parece uma série de telas de Renoir, de Manet. O jantar, a briga das lavadeiras, o matrimônio de Gervaise, o seu fim, tudo, a filhinha vagabunda pelas ruas de Paris, a vida em comum de Gervaise com o primeiro e o segundo marido são descritos com um senso psicológico, plástico e histórico de imensa classe. Clement se dedicou mais a dar vida àquela época do que a contar a história anedótica de Gervaise. O prêmio da crítica que foi atribuído a Gervaise, o prêmio da interpretação feminina atribuído à excelente Maria Shell, pelo seu papel de Gervaise, não bastam para esconder a flagrante injustiça da não atribuição do Leão de Ouro a «Gervaise»; não sòmente o maior, mas o único filme da sua classe apresentado neste festival.

O engraçado Bourvil mereceu o prêmio de interpretação masculina, pelo seu papel em «Traversee de Paris», de Claude-Autant Lara. Este pequeno mas engraçadíssimo filme, cheio de ironia, de poesia, de originalidade, com um Jean Gabin tremendo, me agradou mais, me divertiu mais do que qualquer outro, em Veneza. Fará sucesso em todos os países. Agradará às elites e ao povo. E sem pretensão. Muito bem filmado, fotografado, interpretado. Segundo uma história de Marcel Aymé. Mercado negro em Paris, durante a ocupação alemã. Dois homens carregam um porco inteiro em quatro malas, de noite, de um lado de Paris até o outro, passando por mil trágicas ou engraçadas aventuras. Um amor de filme.

Os americanos, representados por filmes de Ray e de Aldrige, que tem a reputação de vanguarda, de audáz, decepcionaram completamente. «Bigger than Lifes, de Ray, com James Mason é um dramalhão sôbre um professor de colégio que toma multo, demais, cortisone e passa a despresar a esposa, a querer matar o filho; «Attack» de Aldrige, com Jack Palance, é mais um filme sôbre guerra, dois oficiais americanos bons e honestos contra outros dois ruins, covardes e desonestos; com cenas violentas, sádicas, exageradas e muitas vêzes simplesmente ridículas. A mensagem de ambos os filmes é

(Conclui na 4.ª página)

BILHETE DE SÃO PAULO

«NARIZINHO» DE MONTEIRO LOBATO

Miroel Silveira

(Especial para o "Diário de Notícias")

HOJE o bilhete é da Bahia, já que quase todo o São Paulo teatral se deslocou para Salvador, uma por causa do Congresso da Língua Nacional Falada, outros, para verem "Narizinho" de Monteiro Lobato, encenada pela "Hora da Criança" no teatro do Instituto Normal. Sôbre o Congresso muitos jornalistas cariocas já escreveram, contando o interêsse que teve como ponto de partida para uma obra futura de constituição do idioma que falaremos no futuro. (A governador Antônio Balbino teve gôsto e sorte ao confiar a Reitoria da Universidade ao progessor Edgar Santos, que está promovendo uma série de trabalhos interessantes, úteis e realmente adiantados culturalmente...) Porisso vamos falar principalmente sôbre "Narizinho", original de Adroaldo Ribeiro Costa baseado no livro de Monteiro Lobato "A menina do narizinho arrebitado".

A representação da operetta "Narizinho", a que assistimos, já era a 34ª vez (quando Lobato ainda era vivo e estêve na Bahia aplaudindo a iniciativa), vem Adroaldo Ribeiro Costa encenando êsse espetáculo verdadeiramente singular dentro de bom padrão artístico e com nobre finalidade educativa. "A Hora da Criança" aceita todos os meninos e meninas que a procuram, sem olhar idade, côr ou capacidade, e a todos procura dar oportunidade artística, entrosando-os no mesmo espetáculo, que na verdade funciona com as características de uma "terapia de grupo", proporcionando-lhes melhor adaptação social e possibilidade de expansão emotiva.

Além de Adroaldo Ribeiro Costa, participam da organização dessa útil iniciativa o maestro Agenor Gomes, o professor Álvaro Zózimo da Silva (montagem), a professôra Lúcia Franco Maltez (dança e movimentos), a professôra Noêmia Rocha da Silva (guarda-roupa), o professor Ademar Tôrres Brandão (iluminação). Uns abnegados que trabalham idealisticamente e que verão em breve seus esforços recompensados, pois a "Hora da Criança" muito breve haverá de ter um teatro próprio, uma casa, um lar, onde possa ampliar sua obra de arte e beneme-rência.

Cêrca de 250 crianças tomam parte em «Narizinho». Estas fazem de «periquitos australianos»

Gente

O PROF. Antenor Nascentes é uma simpatia. No Congresso da Língua Nacional Falada, foi apreciadíssima não sòmente a sua capacidade profissional, mas também a sua mentalidade ampla e anti-dogmática, que possibilitou debates abertos, democráticos e tecnicamente bem orientados.

—O—

EROS GONÇALVES deu de ficar furioso, agora, quando o chamam pela antigo nome. Quer chamar-se Martim Gonçalves, alegando que o Eros só assentava bem no seu tempo de adolescente. Mas Eros ou Martim, vem êle realizando um plano anual de bom teatro com o apoio da Reitoria da Universidade, mantendo em preparo no momento o "Auto da Cananéia", de Gil Vicente, e "A Sapateira Prodigiosa" de Garcia Lorca. O "auto" será visto no adro de uma das mais belas das igrejas baianas.

OS IRMÃOS SANTOS PEREIRA, José Renato e José Geraldo, "abafaram" num "show" improvisado durante o almoço na lagoa do Abaeté. Se quizessem, podiam ganhar dinheiro formando dupla artística, para rádio, TV e "boites". O número que mais agradou foi a paulista "Moda da Pinga", que Inesita Barroso tanto tem divulgado.

Sonia Gaudi no papel da «Sapateira Prodigiosa», de Garcia Lorca, que será representado pelo grupo da Escola de Teatro da Universidade da Bahia.

LUISA BARRETO LEITE chegou tarde ao Congresso, mas ainda teve tempo de assistir a um incrível e falsificado candomblé que os organizadores da parte turística ofereceram aos congressistas. Luisa ficou furiosa, com toda a razão, mas os pobres mestres franceses e espanhóis saíram da Bahia pensando que tinham aprendido mesmo como é um candomblé...

No prólogo de «Narizinho» desfilam as capas dos livros de Lobato

Título
"'Narizinho' de Monteiro Lobato", matéria publicada no jornal Diário de Notícias sobre a montagem encenada pela "Hora da Criança" no teatro do Instituto Normal em Salvador. A sessão "Bilhete de São Paulo, escrita por Miroel Silveira, comenta ainda sobre a recusa de Martim Gonçalves de ser chamado de Eros, seu antigo nome.

Fonte
Biblioteca Pública do Estado da Bahia

ID
72140

POPULAR/MODERNO, CIDADE/UNIVERSIDADE UFBA 70